

Uma época sombria e com enormes mudanças

Na era dos altos ideais vimos grandes aspirações da igreja: retomar Jerusalém pelas cruzadas, unir novamente a igreja oriental e ocidental, reformar o clero da simonia e impor o celibato, vencer a queda de braço com o poder imperial e alargar o poder da igreja.¹ No séc. XIII os altos ideais pareciam estar se cumprindo, em especial em Inocêncio III, o papa mais poderoso que a história já viu. Sob Inocêncio III o ideal de que o poder do papa estava acima do poder do próprio imperador floresceu e Inocêncio fez sentir sua influência na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Espanha, Portugal, Boêmia, Hungria, Dinamarca e Islândia, indo até a Bulgária e Armênia. Inocêncio III interviu em sucessões reais, casamentos, divórcios, guerras e disputas de poder. Em 1215 Inocêncio deu provas de seu poder quando reuniu o Concílio de Latrão que praticamente aprovou uma série de decisões que pareciam ser suas, tendo em vista que o período do Concílio reuniu-se a três sessões de um dia cada.

Contudo, Inocêncio representou um ápice do papado e do poder da igreja como um todo, que viria a declinar nos próximos dois séculos. As sucessões papais se tornaram ainda mais cheias de intrigas políticas e jogos perigosos com um afastamento cada vez maior dos ideais de reforma do clero. Começaria então a era dos sonhos frustrados: uma era na qual diversos sonhos de reforma da igreja nasceriam e morreriam sem sinal de cumprimento.

É importante dizer que da segunda metade do séc. XIII em diante começou a se desenhar um cenário cada vez mais complexo na Europa como um todo. Vamos destacar alguns fatos para compor esse quadro. Primeiro, a união que havia sido alcançada com a igreja oriental por meio das cruzadas e da reconquista de Jerusalém logo caiu, pois quando os orientais retomaram Constantinopla desfizeram prontamente os acordos tendo em vista os traumas deixados pelos cruzados. Segundo, a unidade política da Europa conseguida por Inocêncio III foi se revelando cada vez mais impossível de ser mantida pelos papas sucessores, tendo em vista que haviam inúmeras revoltas de nobres e os confrontos entre senhores feudais e reis parecia ser interminável. Terceiro, a teologia escolástica começava a dar provas de fadiga pois seu método racional e minucioso começara a se tornar imensamente complexo e os compêndios ficavam excessivamente grandes. Ou seja: a aparente solidez da igreja ia manifestar-se como frágil desde sua política ao pensamento em breve.

E o que detonou a decadência? Novamente, uma série de fatores. Primeiro, a peste bubônica alastrou-se pela Europa no início do séc. XIV. Causada pelos ratos negros e pelas pulgas que espalhava a doença, estima-se que cerca de um terço da população da Europa foi dizimada em cerca de três anos. A peste balançou a economia que estava em expansão, pois ou faltavam compradores ou faltava mão-de-obra para as manufaturas. Na religião, o tema da morte tornou-se central no imaginário popular e Jesus passou a ser visto como um juiz severo e o tema da justiça de Deus contra os pecados tomou a mente das pessoas. Ao mesmo tempo, as superstições como relíquias sagradas, penitências e peregrinações para expiar pecados intensificou enormemente.

Segundo, na política o cenário começava a mudar. Durante boa parte da idade média havia três camadas sociais: a realeza, os nobres e o povo. Contudo, com o restabelecimento do comércio a partir das cruzadas nasceu a classe comerciante, a burguesia. A burguesia veio se fortalecendo cada vez mais, a ponto de se tornar uma mantenedora de exércitos para os reis que precisavam submeter nobres rebeldes. Ao mesmo tempo, a Europa esteve durante séculos organizada em feudos, condados e recentemente em burgos. Todavia, começa o fenômeno do nacionalismo, no qual vieram a se formar os países. França e Inglaterra foram os primeiros a construir uma noção de estado, e foram seguidos por outros.

Terceiro, com o surgimento da noção de nação do sentimento nacionalista veio a primeira guerra que envolveu praticamente toda a Europa: a guerra entre Inglaterra e França conhecida como “Guerra dos Cem Anos”. A guerra iniciou por causa da disputa da coroa francesa por Eduardo III da Inglaterra e Filipe VI e foi o cenário na qual surgiu a lendária figura de Joana D’Arc, que veio a se tornar um ícone da causa francesa, chamada “A Donzela de Orleans”. Agora, vamos ver como tudo isso se misturou para causar a decadência do clero, o declínio da influência da igreja e o surgimento de diversos movimentos em reação ao estado das coisas naquele momento.

O declínio do papado

No período dos altos ideais o papado manteve uma queda de braço com o império. Contudo, com a morte de Inocêncio III houve uma rápida sucessão de papas até que elegeu-se Benedetto Gaetani em 1294, chamado Bonifácio VIII. Este papa demonstrou-se ambicioso e diplomático, de maneira que dedicou-se a acalmar os ânimos entre Filipe IV da França e Eduardo I da Inglaterra que estavam a ponto de iniciar a Guerra dos Cem Anos. Quando percebeu que sua

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.445-486

autoridade não seria respeitada por ambos, Bonifácio agiu indiretamente na questão. A igreja e os clérigos tinham isenção de impostos na França e na Inglaterra. Contudo, a coroa cobrava dos clérigos uma “doação voluntária”, de forma que Bonifácio promulgou em 1296 a bula papal *Clericis laicos*, que determinava a proibição de reis cobrarem quaisquer valores de clérigos sob qualquer forma, sob pena de excomunhão. O intento de Bonifácio era minar os recursos dos reis a fim de evitar que ambos tivessem dinheiro para conduzir a guerra. Contudo, ambos os imperadores responderam com duras medidas, em especial Filipe da França que impediu que qualquer riqueza do clero fosse transferida ao exterior.

As hostilidades entre Bonifácio e Filipe se seguiram até que Filipe convocou uma assembleia que pediu a o julgamento do papa. Bonifácio por sua vez decidiu recorrer a excomunhão, a arma mais poderosa dos papas de seu tempo. O papa reuniu-se em sua cidade natal, Anagni, para redigir a bula quando em 07 de setembro de 1303 militares a mando de Filipe invadiram Anagni, se apossaram de Bonifácio e o obrigaram a abdicar. Diante de sua recusa ele foi torturado, humilhado publicamente na cidade ao montar de costas um cavalo bravo. A esta altura Bonifácio já vinha 68 anos de idade mas isso tão pouco impediu tais torturas. Ao retornar a Roma, o papa estava tão desmoralizado que morreu cerca de um mês depois. Seu sucessor, Bento XI, aparentemente foi envenenado e iniciou-se o chamado “Cativo Babilônico”.

O “Cativo Babilônico” foi um período no qual a figura papal foi feita cativa dos interesses da coroa francesa. Tudo começou com a eleição de Clemente V em 1305. Clemente foi eleito com a ajuda da coroa francesa e por isso tornou-se um servo dos interesses do rei francês Filipe, o Belo, de tal maneira que não foi ocupar seu lugar em Roma deixando o trono vazio. Além disso Clemente elegeu em seu pontificado 24 cardeais, sendo 23 franceses e ficou conhecido pela maneira desonrosa com que destituiu as ordens militares, em especial a dos templários. Os templários eram possuidores de muitas terras e riqueza, e foi por isso que iniciou-se uma caça na França, onde templários foram presos de forma ilegal, torturado e obrigados a confessar crimes hediondos, bruxaria e idolatria, tudo isso a mando do rei Filipe. Clemente, que era o único que poderia defender-lhes, submeteu-se a vontade da coroa. Os templários foram caçados, sua ordem foi extinta e os que se recusaram a confessar crimes indevidos foram queimados vivos.

Clemente foi sucedido em 1316 por João XXII, que procurou lutar contra o domínio da coroa francesa sob o papado e para isso instituiu um pesado sistema de impostos eclesiásticos que recaía principalmente sobre o povo pobre, causando enormes danos para a vida religiosa das massas. Em seguida veio Bento XII em 1334, que foi o responsável pela construção de um palácio papal em Avignon. Em plena Guerra dos Cem anos Bento XII colocou os recursos econômicos e a rede de informações da igreja a serviço da coroa francesa, política essa que foi continuada por seus sucessores que fixaram sede em Avignon, deixando o trono em Roma vago. A permanência dos papas em Avignon era muito prejudicial para a igreja, pois para manter isso era necessário um amplo esquema de impostos. Quando um sacerdote ia ocupar uma nova sede, todo o primeiro ano de impostos eclesiásticos era do papa (Anata) e por isso os papas mudavam os sacerdotes frequentemente. Como a maioria dos cargos eclesiásticos eram comprados, quando um sacerdote comprava uma diocese e tinha de entregar o Anata durante um ano, acabava compensando impondo taxas mais duras ao povo pobre.

Nesse período a igreja sofreu severamente com a simonia (compra de venda de cargos eclesiásticos), o pluralismo (pessoas com diversos cargos eclesiásticos) e o absentismo (ocupar um cargo e residir em outro lugar). Além disso, com o papado servindo os interesses da coroa francesa e o sentimento nacionalista emergindo em muitos lugares, começou a nascer uma antipatia pela figura do papa em boa parte da Europa, especialmente na Inglaterra na Guerra dos Cem Anos.

O cativo babilônico teve fim quando o papa Gregório XI (1371-1378) decidiu retornar para Roma, entrando na cidade eterna em 17 de janeiro de 1377. A história relata que uma figura central nesse período foi Catarina de Siena, jovem mística italiana, que militou insistentemente pelo retorno do papa de Avignon para Roma. Contudo, esse retorno não deu os resultados esperados. Com a morte de Gregório XI em 1378, os cardeais estavam divididos entre franceses e italianos, sendo a maioria francesa. O povo em Roma temia que os cardeais franceses elegeisse um papa francês que retornasse para Avignon e por isso cercaram o prédio do conclave armados exigindo a eleição de um papa italiano. Então foi eleito Bartolomeu Prignano, nomeado Urbano VI. Urbano VI, de origem humilde e hábitos austeros, quis reformar instantaneamente a igreja e causou um grande desconforto a ponto de ir perdendo o apoio de todos os cardeais, que se reuniram em Anagni para declara-lo deposto e Urbano respondeu nomeando novos 26 cardeais em seu apoio.

Os cardeais que se opunham a Urbano VI então elegeram um novo papa, Clemente VII e então se estabeleceu um fato sem precedentes: dois papas eleitos pelos mesmos cardeais. Clemente tentou tomar Roma mas foi vencido pelas tropas de Urbano e fixou sede em Avignon, de forma que havia dois papas, um em Roma e outro em Avignon. Cada um enviou emissários pela Europa buscando ganhar adesão e então o cristianismo ocidental se viu dividido entre as figuras dos dois papas, sendo chamado “O Grande Cisma do Ocidente”. Havia interesses de toda a Europa de que o cisma terminasse, mas os sucessores tanto de Bonifácio IX quanto de Clemente VII se negavam a fazê-lo, com ambas as linhas de sucessão insistindo em reclamar o trono papal. Veio das universidades um movimento de teólogos e pensadores que articulou a chamada “Teoria Conciliar”. Nessa teoria, a igreja não era o papa, mas sim o conjunto dos fiéis e logo a autoridade está nos fiéis e não no papa. Logo, um concílio que representasse os fiéis teria mais autoridade que o papa. Diante da recusa de ambos os papas em unir a igreja (no ano de 1409 eram Bento XIII e Gregório XII) os cardeais de ambos os lados os abandonaram e se reuniram em Pisa, elegendos Alexandre V. Agora havia três papas! O Grande Cisma foi resolvido de forma definitiva apenas pelo Concílio de Constança (1417) que elegeu Martinho V. Contudo, a figura papal já havia decaído.